

A pessoa e a função analítica ampliada: sua relação com a contratransferência e o arcaico¹

Norberto C. Marucco²

Resumo: o autor argumenta que a função analítica atual não só implica uma posição de suposto saber, mas inclui também os afetos do analista, com seus efeitos de ligação e desligamento; e mais ainda, o inconsciente inédito da pessoa do analista, que é feito vibrar pelo inconsciente do analisando. Enfatiza que neste aspecto do inconsciente não analisado do analista, está a possibilidade de descobrir o novo na análise, o germe de novos desenvolvimentos teóricos que, indubitavelmente, partem da prática clínica e se expressam nas novas funções do analista.

Palavras-Chaves: psicanálise, inconsciente, transferência, contratransferência, pessoa real.

Introdução:

Este trabalho é o resultado de uma série que teve início no Congresso Latino-americano de Bogotá (2010) e prosseguiu no Congresso Latino-americano de São Paulo (2012). Será um capítulo de um próximo livro a ser publicado. Por esta razão, peço desculpas por me repetir em alguns conceitos.

1) A função analítica e a pessoa (singularidade real) do analista

Talvez a nossa prática analítica nos permita concordar com relação às maiores dificuldades que encontramos, tanto do lado da função como da pessoa real do analista.

Há alguns anos, me dediquei a um trabalho sobre este tema, juntamente com outros colegas, ao qual intitulamos “A função analítica e (a presença de) o analista: o papel da singularidade real na transferência”. Abordamos o tema da pessoa do analista a partir da reconsideração de uma expressão que Freud utilizou no Epílogo do Caso Dora (Freud, 1905): a “singularidade real do analista”, termo com o qual

1. Tradução para o português: Adalberto A. Goulart.

2. Membro Titular e Didata da Asociación Psicoanalítica Argentina

se refere àquilo do analista que pode servir de apoio para que uma transferência deixe de ser repetição invariada, monótona, de um clichê, para se transformar em uma transferência como reedição corrigida e ampliada. A esta singularidade real do analista (constituída por sua história pessoal, seu próprio romance familiar, sua ideologia, sua vida cotidiana, etc. e, fundamentalmente, seu inconsciente) apontará a neurose de transferência do paciente este componente único, irrepetível e original que permitirá ao paciente organizar de maneira diferente seu romance familiar.

Um novo avanço teórico freudiano permite descobrir que a transferência não é produto do método, nem da pessoa do analista, mas existe uma necessidade de transferência que é patrimônio da neurose. Entendemos então que o intrapsíquico não poderá recuperar-se apenas como recordação, mas que será revivido como potencial atual (*agieren*)³ na transferência, ou seja, com o outro (estamos próximos do conceito atual de enactment).

Este novo modo de entender a transferência produz uma importante mudança também em referência à pessoa do analista, que não pode mais ser considerada como um obstáculo à cura, mas sim como suporte para que essa falsa transferência necessária para a cura analítica possa ocorrer. Então, embora na transferência do sonho, Freud tivesse relativizado o significado do objeto (através dos restos diurnos), a fim de hierarquizar a missão do desejo inconsciente, com o surgimento do conceito de neurose de transferência, a ênfase é colocada novamente na preeminência do objeto. Vemos como a figura do analista vai ganhando significado para o paciente ao longo do tratamento. Agora, a função analítica clássica, gerada pelo dispositivo, criará um espaço para a implantação dessas transferências invariadas, ou seja, a repetição desses clichês transferenciais, independentemente da pessoa do analista. Estamos em uma tentativa de abordar teorias: a transferência das imagos de Freud, o sujeito suposto saber de Lacan, os supostos básicos de Bion, a transferência em lacuna de Laplanche. Então, retornando ao tópico: na situação particular do campo analítico, a presença do analista, como função e como pessoa (entendida como uma singularidade real), permitiria que a transferência fosse algo mais que uma mera repetição

3. Nota do Editor: Agieren, do alemão: ato.

para transformar, como eu disse antes, em uma reedição corrigida e aumentada. De que? Do Édipo e do arcaico. A função analítica clássica atuaria então como interrogante e interrogadora, e a presença do analista, sua singularidade real, como a zona de ancoragem daquelas outras transferências arcaicas modificadas. Estamos diante da função analítica ampliada pela pessoa do analista. Essa pessoa, essa “singularidade real” que mencionou Freud, poderia constituir um elemento de simbolização na transferência, quando possibilita que uma repetição arcaica invariada se transforme em uma nova edição corrigida (representada).

Neste ponto, gostaria de propor o seguinte: embora eu concorde com Freud que nenhuma análise vai além do que os pontos cegos do analista permitem, esses pontos cegos poderiam dar acesso a uma possibilidade de autoanálise, através das denúncias que as transferências arcaicas do paciente revelam do inconsciente da pessoa do analista? Revelá-las (autoanálise ou reanálise) implicaria numa extensão do campo analítico. Poderíamos então diferenciar aquelas transferências que podem ser compreendidas e resolvidas de maneira habitual como resistências ou como o resistido, dessas “outras” cuja compreensão se torna complexa porque se apoiam em algo que não é consciente para o analista e que pertencem ao inconsciente de sua singularidade real. Não se trata, neste caso, apenas de um obstáculo à função, mas de algo que vindo do analisando, toca a pessoa do analista naquilo inconsciente que não foi antes mobilizado em sua própria análise. O problema é o que o analista poderia fazer com isto. Deveria declarar que não existe? Ou se questionar em relação ao que o paciente fez vibrar em si e transformá-lo em um instrumento?

Neste sentido poderíamos dizer que na pessoa do analista vão se abrindo diferentes elementos produzidos pela relação com o analisando, que deverão ir passando da pessoa do analista para o dispositivo, ou seja, para a função analítica agora ampliada. Então, a função analítica atual não só implica uma posição de suposto saber, mas inclui também os afetos do analista, com seus efeitos de ligação e desligamento; e mais ainda, o inconsciente inédito da pessoa do analista, que é feito vibrar pelo inconsciente do analisando. Aqui aparece a noção de campo em

psicanálise (Baranger, 1962), quimera (M'uzan, 2008), contratransferência imaginativa (Green, 1972), para trabalhar o arcaico.

De qualquer forma, quero enfatizar que, nesse aspecto do inconsciente não analisado do analista, está a possibilidade de descobrir o novo na análise; em outras palavras, aquilo que é o germe de novos desenvolvimentos teóricos que, indubitavelmente, partem da prática clínica e se expressam nas novas funções do analista.

Em síntese e para finalizar este ponto, creio que, assim como temos avançado por um caminho de investigação dos fenômenos que se expressam na psicopatologia clínica, através da função analítica clássica, nosso lugar como analistas dentro do campo analítico atual nos convoca a partir de um lugar ainda incerto, porém chave: a pessoa do analista e a função analítica ampliada.

2) A função analítica ampliada, contratransferência e o arcaico

Poderíamos talvez concordar que, quando falamos de função analítica clássica, a pensamos no marco de um dispositivo que habilita a possibilidade de operar psicanaliticamente. Dispositivo que estará sustentado basicamente no que denominamos como atenção flutuante do analista, as associações livres do paciente e o desvendamento dos significantes, que vão surgindo para incluí-los no campo representacional através da interpretação.

Pois bem, quando a estrutura do arcaico, produto das primeiras inscrições na constituição do psíquico, irrompe no campo analítico, a questão do representável ganha importância. O não representado (a pulsão) que não chega ao campo da palavra, produz um curto-circuito (Green, 1990) localizado na passagem ao ato ou ao soma. A noção de soma e de ato e suas manifestações na psicopatologia referem-se, como dizia antes, ao problema do arcaico em psicanálise; à clínica dos fenômenos residuais, ou seja, daquilo que está fora do campo da representação da palavra.

Particularmente: Como se manifestam na clínica estas inscrições mais além ou mais aquém da representação da palavra, que não configuram fantasias

representativas? E, como podemos dar conta delas na clínica? Neste ponto nos encontramos frente ao fenômeno de uma nova “representação”, por assim dizer, do trauma primário, inscrita em algo do soma, no sangue que sai do corpo, na própria dor, ou numa irracionalidade violenta de um ato. Neste momento clínico, nossa orientação se desloca desde o porquê do desejo, ou o porquê do prazer até o porquê do sofrimento. O ato, a somatização, adquirem aqui especial primazia; e na clínica, as ansiedades que acompanham estas expressões correspondem ao vazio ou à intrusão⁴. Estas ações irrompem também em ocasiões como fatos do destino, ou como a “obsessão demoníaca a repetir” (Freud, 1920), que vai mais além do fenômeno repetitivo da neurose. São casos equivalentes ao fenômeno das neuroses traumáticas, dos pesadelos; algo que parece escapar ao desejo (ou que está oculto pelo trauma) e se expressa como conjunto de atos de desligamento. Ou seja, atos que pulsam desde a pulsão de morte; atos cuja expressão máxima e mais impactante no plano do psíquico levariam ao suicídio, ou talvez a uma enfermidade somática aguda.

Entendo que o que pode deter isto que arremete com a força cega do destino é a aquisição da representação, da significação. Porém, como ler analiticamente a passagem ao ato ou as expressões do soma? Entendo que estamos fora do campo do significante e da função analítica clássica, em cujos labirintos de metáforas e metonímias se vislumbra a silhueta do desejo. Estas expressões de “mais além da representação” nos desafiam em uma leitura que poderíamos descrever como a construção do ato, ou como a tentativa de representação do corpo-soma que inclui os afetos da pessoa do analista. Estamos em um processo pelo qual, em um movimento regressivo a partir da representação da palavra, o analisando pode ir solicitando algum tipo de inscrição mais próxima ao sensorial (representações táteis, olfativas, visuais) que se somam ao afeto e seus efeitos sobre a pessoa do analista. E quando chegamos ao plano do sensorial, do signo perceptivo, próximo ao terreno alucinatório, se propõe para a análise algo desafiante. Assim como no campo da neurose (ou numa zona do significante) a atenção flutuante do analista permite detectar na

4. A pergunta seria, finalmente, se a psicanálise pode, com sua capacidade de outorgar representação, deter em algum caso, aquilo que segue o caminho do soma; ou se, pelo contrário, existe entre o soma e a representação um salto que a psicanálise não tem conseguido alcançar totalmente, apesar de algumas importantes aproximações.

associação livre do paciente o golpe do significante, a esta potencialidade sensorial, traumática, o analista poderá tentar responder colocando em jogo algo mais que sua contratransferência, ou seja, a sua capacidade de sonhar, em outras palavras, sua contratransferência imaginativa, no dizer de Green. O que implica esta capacidade imaginativa? Neste ponto, nos ajuda o conceito de escuta do Id, que tão acertadamente descreveu César Botella no Congresso de Praga⁵ e o de pessoa do analista; esse processo pelo qual o analista permite que sua própria sensorialidade seja estimulada pela do paciente. Em suma, aquelas vivências registradas no analista como um engrama de inscrições que, sem estar representadas verbalmente, podem ser incluídas no curso de outras representações, estas sim verbais. Porém, como o analista as inclui? Não seria a partir de suas intuições que as incluiria, mas a partir de uma atenta e fina escuta no curso da história de um processo: Qual? A do processo psicanalítico. Processo do qual o analista é seu guardião, permitindo-lhe decodificar as representações do paciente, ao mesmo tempo em que nomeia aquelas que vêm do trabalho com suas próprias inscrições pré-verbais. Estaríamos aqui no campo de uma assim chamada contratransferência muito particular, de nenhuma maneira resistencial, mas definida em seu caráter de instrumento de trabalho. Poderíamos denominá-la provisoriamente como “*a contratransferência do arcaico*”. Trata-se de um trabalho de elaboração do analista, revelador e, por sua vez, inquietante, porque está fora dos limites desse terreno seguro que brinda o significante. Ocorre que quando estes outros significantes não linguísticos são convocados no processo analítico, se expressam como vivências e não como recordações. Vivências do novo, do diferente; daquilo que nunca terminou de inscrever-se como uma memória para que se adquira com o trabalho analítico. É aqui onde, no dizer de Freud, a intervenção do analista terá que ser corroborada pela convicção do analisando. Convicção como produto da união de afetos e racionalidade, gerados por representações verbais e não verbais que dão coerência a uma vida fragmentada, que de outra maneira seria destinada ao caminho da violência do ato, ou como já disse, da dor no corpo. Outra vez estamos próximos do conceito de campo em psicanálise; ou seja, dessa

5. 48º Congresso da IPA: Facing the pain, Praga, República Checa, 2013.

possibilidade de construir fantasias onde só haviam inscrições pré-verbais. Se faz necessário insistir que o grande risco neste momento clínico é que o campo analítico caia em uma hipertrofia do irracional que conduz a algo próximo da ordem da magia, onde a pessoa do analista se eleva em ideal. Como prevenir isto? Aqui não posso deixar de remeter-me ao que é, talvez, mais antigo e imperecível no analista: a própria análise, a reanálise, a supervisão que permita encontrar nexos, relações e, fundamentalmente, diferenciar o que é próprio daquilo que corresponde ao outro e à relação com o outro (Marucco, 2006).

Para finalizar: então, a função analítica ampliada inclui:

- a) uma função analítica clássica correlativa à atenção flutuante, a seus conhecimentos teóricos, ao reconhecido em sua própria análise;
- b) sua “singularidade real”, como aquilo que permite que as transferências invariadas se transformem em reedições corrigidas e ampliadas;
- c) seus pontos cegos, ou seja, aquela parte de seus próprios conflitos que se alçam em qualidade de contratransferência com os signos de uma resistência, de um obstáculo;
- d) a capacidade de sonhar ou contratransferência imaginativa que permitiria dar conta de algo não representado;
- e) o Inconsciente nunca analisado no analista, que se desperta ao estilo de um enigma, sempre em busca de adquirir novas representações.

Tudo isto dentro de uma função analítica ampliada, na qual o enquadre implique um trabalho primário de contenção de um conteúdo, antes de qualquer trabalho representativo. O analista, em termos *greenianos*, deve poder resistir.

Por último, estamos aqui, metaforicamente, ante a criação de um tecido psíquico do não nascido que poderá nascer; ou seja, a emergência do novo em psicanálise. Nos dois últimos pontos está a posição do analista como pessoa e também do arcaico.

The person and the expanded analytical function: his relation to countertransference and the archaic

ABSTRACT: The author argues that the current analytical function not only implies a position of supposed knowledge, but also includes the analyst's affects, with their effects of connection and disconnection; and even more so, the unpublished unconscious of the person of the analyst, who is made vibrate by the patient's unconscious. He emphasizes that in this aspect of the unanalyzed unconscious of the analyst is the possibility of discovering the new in analysis, the germ of new theoretical developments that, undoubtedly, depart from clinical practice and are expressed in the new functions of the analyst.

KEYWORDS: psychoanalysis, unconscious, transference, countertransference, real person.

La persona y la función analítica ampliada: su relación con la contratransferencia y lo arcaico.

RESUMEN: el autor argumenta que la función analítica actual no sólo implica una posición de supuesto saber, sino que incluye también los afectos del analista, con sus efectos de conexión y desconexión; y más aún, el inconsciente inédito de la persona del analista, que es hecho vibrar por el inconsciente del analizando. Enfatiza que en este aspecto del inconsciente no analizado del analista, está la posibilidad de descubrir lo nuevo en el análisis, el germen de nuevos desarrollos teóricos que, indudablemente, parten de la práctica clínica y se expresan en las nuevas funciones del analista.

PALABRAS-CLAVE: psicoanálisis, inconsciente, transferencia, contratransferencia, persona real.

Referências

- Baranger, W. & Baranger, M. (1962). La situación analítica como campo dinámico. In *Problemas del campo psicoanalítico* (pp. 129-164). Buenos Aires: Kargieman (1969). (Trabalho original publicado na Revista Uruguaya de Psicoanálisis)
- BOTELLA, C. & BOTELLA, S. (2002). *Irrepresentável, mais além da representação*. Porto Alegre: Editora Criação Humana.
- Freud, S. (1905). Um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol VII. Rio de Janeiro: Imago (1996).
- Green, A. (1972). El analista, la simbolización y la ausencia en el encuadre analítico. In: *De locuras privadas*. Buenos Aires: Amorrortu (1990).
- Marucco, N. (2007). Entre a recordação e o destino. In *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 41, n. 1. São Paulo.
- M'uzan, M. (2008). La chimère des inconscients, débat avec M. de M'Uzan. Paris: Presses Universitaires de France.